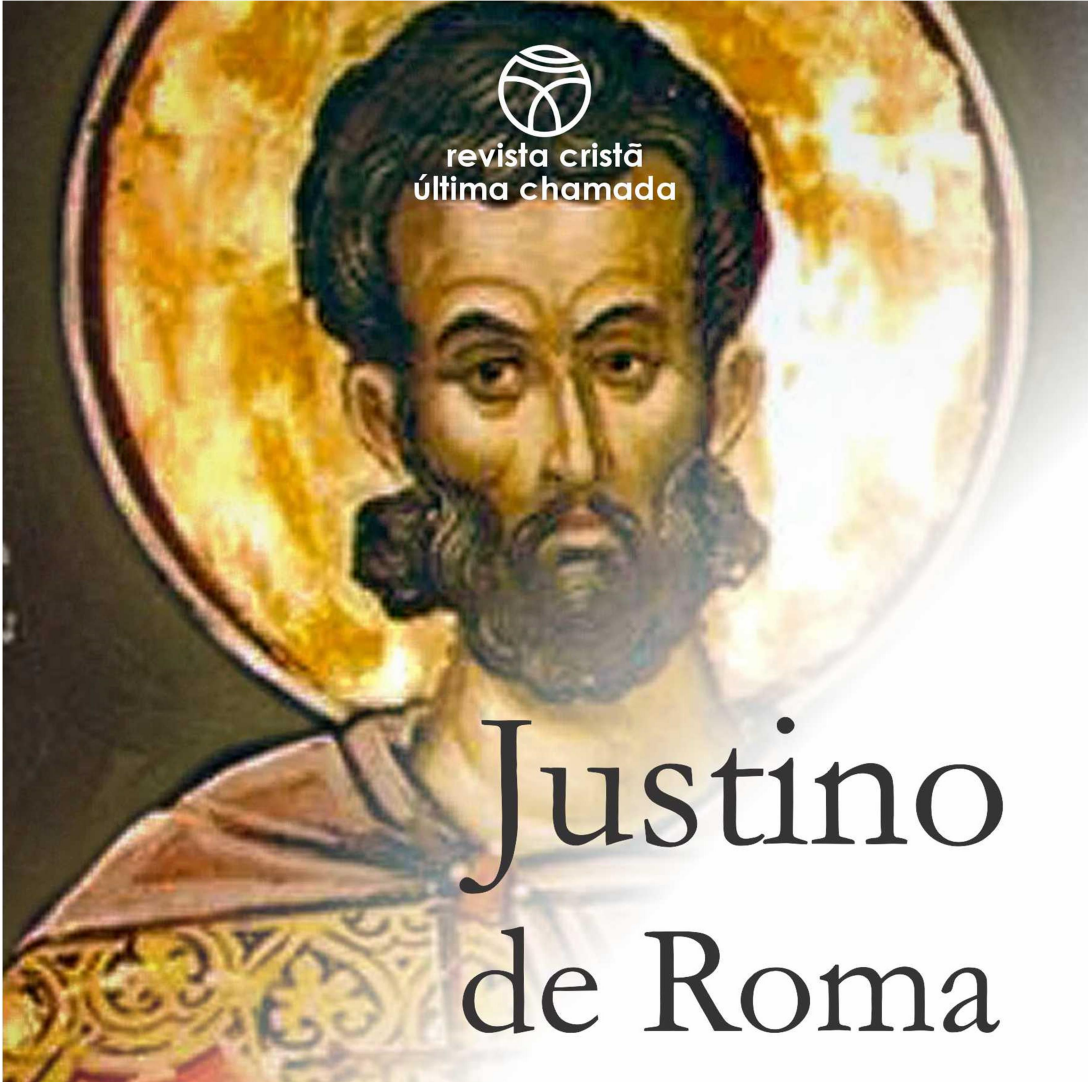




revista cristã
última chamada



Justino de Roma

César Francisco Raymundo

Coleção Patrística e
Fim dos Tempos

O Fim dos Tempos como você nunca ouviu falar!



- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo

**www.
revistacrista
.org**

Justino de Roma

Coleção Patrística
e Fim dos Tempos

César Francisco Raymundo



revista cristã
última chamada

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

Justino de Roma

Coleção Patrística e Fim dos Tempos

Autor: César Francisco Raymundo

Capa: César Francisco Raymundo

Imagem da Internet

Revista Cristã Última Chamada publicada com a devida autorização e com todos os direitos reservados no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sob nº 236.908.

Editor

César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br

Site: www.revistacrista.org

Porto Belo – Santa Catarina

Novembro de 2024

Índice

Sobre o Autor	07
Apresentação	
O Porquê de uma Coleção sobre Patrística e Fim dos Tempos	08
Parte 1	
Justino de Roma Vida e Obra	12
- As Obras de Justino	13
- Data de Composição da Obra	14
- 1ª e 2ª Apologias - Diálogo com Trifão	15
- Conteúdo da 1ª Apologia	16
- Conteúdo da 2ª Apologia	17
Parte 2	
Justino de Roma e a Segunda Vinda de Cristo	17
- A Ressurreição dos Mortos e o Juízo Final	25
- A Destruição de Jerusalém	27
- O Reino Milenar de Cristo	29
Minha Conclusão	
Justino de Roma: Preterista, Pré-milenista ou Pós-milenista?	
Desvendando sua Visão Escatológica	33
Glossário	35
Obras importantes para pesquisa...	37

Sobre o autor



César Francisco Raymundo nasceu em 02/05/1976 na cidade de Londrina - Estado do Paraná. De origem católica, encontrou-se com Cristo aos treze anos de idade. Na década de noventa passou a ser membro da igreja Presbiteriana do Brasil daquela cidade. Tem desenvolvido diversos trabalhos entre eles livros, folhetos e revistas visando a divulgação da Boa Nova da Salvação em Cristo para o público em geral. Atualmente, se dedica intensamente ao estudo, especialização, divulgação e produção de material didático a respeito do Preterismo Parcial e Pós-milenismo, para que tal mensagem seja conhecida como um caminho verdadeiramente alternativo contra a escatologia falsa e pessimista que recebemos por tradição em nossas igrejas.

Apresentação

O Porquê de Uma Coleção sobre Patrística e Fim dos Tempos

“Porque eu sei isto que, depois da minha partida, entrarão no meio de vós lobos cruéis, que não pouparão ao rebanho;

E que de entre vós mesmos se levantarão homens que falarão coisas perversas, para atraírem os discípulos após si”.

– Atos 20:29-30

Uma das piores lições que aprendi no início da minha caminhada cristã foi que a Patrística, ao contrário do que muitos pensam, não era benéfica; considerava-a herética e católica. Este é o pensamento Protestante dominante. Para quem não sabe, a Patrística refere-se ao período da história da Igreja em que os primeiros Pais da Igreja, os teólogos cristãos dos primeiros séculos, formulavam e defendiam doutrinas fundamentais da Fé Cristã.

Com base em Atos 20:29-30, me ensinaram que, após a morte dos apóstolos, a Igreja começaria a se corromper. Com o passar do tempo, muitos homens começariam a ensinar erros sobre a Fé Cristã, adicionando doutrinas e práticas estranhas até que chegássemos ao ponto culminante: a Grande Apostasia, marcada pela ascensão do imperador romano Constantino e a suposta criação da Igreja Católica Romana.

Por conta disso, acabei me afastando das maravilhosas obras da Patrística, como as de São Irineu, Policarpo, São Inácio, Santo Agostinho e tantos outros. Nos últimos anos, no entanto, comecei a dar mais atenção a esse período da Igreja, lendo porções dos textos dos primeiros pais, que considero verdadeiros gigantes da teologia. Isso não significa que eles estavam corretos o tempo todo; erraram em muitas coisas. No entanto, parece que muitos evangélicos de hoje, ao criticar os Pais da Igreja, se colocam como perfeitos, com práticas e teologias impecáveis. A realidade do movimento evangélico brasileiro, no entanto, mostra o contrário.

Como não poderia deixar de ser, as religiões marginais ao Cristianismo cometeram abusos em relação aos primeiros Pais da Igreja. As Testemunhas de Jeová, por exemplo, atacam a Divindade de Jesus Cristo e afirmam que “a doutrina da Trindade não foi ensinada por Jesus e seus discípulos, nem pelos Pais Apostólicos no fim do primeiro século e princípio do segundo século EC”.¹ E acrescentam que São “Justino e os outros apologistas, portanto, ensinavam que o Filho [Jesus] é uma criatura. Ele é uma criatura elevada, uma criatura suficientemente poderosa para criar o mundo, mas, não obstante, uma criatura. Na teologia, esta relação do Filho com o Pai se chama subordinacionismo. O Filho é subordinado, isto é, secundário ao Pai, dependente dele e causado por ele. Os apologistas eram subordinacionistas”.²

Devido à brecha deixada pelo ensino Protestante em relação aos Pais da Igreja, e pela falta de hábito em ler seus escritos, acabamos não percebendo que, ao contrário do que afirmam as Testemunhas de Jeová, os teólogos da Patrística ensinam claramente que Jesus é Deus

¹ Artigo: Ensinava a Primitiva Igreja Que Deus É Uma Trindade? Parte 3 — Ensinavam os apologistas a doutrina da Trindade? Site: <https://wol.jw.org/pt/wol/d/r5/lp-t/1992246?q=pr%C3%A9-niceno&p=doc> Acessado dia 03/11/2024

² Idem nº 1.

e faz parte da Trindade. A brochura *"Deve-se Crer na Trindade?"*, das Testemunhas de Jeová, cita esses primeiros cristãos de maneira equivocada e suspeita. Quando confrontamos suas alegações com os textos originais, fica evidente que o conteúdo não condiz com a negação da Divindade de Jesus Cristo. Aliás, tenho por suspeita qualquer citação vinda da Torre de Vigia de Bíblia ou Corpo Governante das Testemunhas de Jeová.

Como minha especialidade, na qual me concentro há muitos anos, é a Escatologia bíblica e sua restauração, tenho procurado ler todos os escritos disponíveis dos pais da Igreja. Adquirit 47 livros da Coleção Patrística da editora Paulus para ler cada um dos textos patrísticos e chegar a uma conclusão sobre o que, de fato, eles pensavam sobre o tema da Escatologia bíblica.

Cansei de ouvir que os Pais da Igreja eram todos pré-milenistas, que acreditavam em Arrebatamento Secreto, Milênio literal ou não, etc. Cada pessoa que se debruça sobre os escritos dos pais da Igreja traz consigo uma perspectiva preconcebida. Por isso, decidi ler pessoalmente esses textos e formar minhas próprias conclusões, sem levar em conta o Preterismo Parcial e o Pós-milenismo que defendo.

Na antiguidade, não havia o costume de rotular doutrinas como temos hoje. Por isso, muitos afirmam que Calvino era amilenista ou pós-milenista, ou que todos os pais da Igreja eram pré-milenistas, tudo isso baseado em pequenas citações. Decidi, então, ler os textos, que podem chegar a 5.000 páginas. É um trabalho árduo, mas, como tenho ampla experiência no ensino escatológico e conheço todas as vertentes com profundidade, meu objetivo é entender o que os pais da Igreja realmente compreendiam sobre esse tema e transmitir isso ao meu público.

E o assunto não se esgota com a *"Coleção Patrística e Fim dos Tempos"*. Afinal, se considerarmos os escritos dos Pais da Igreja que viveram antes do Concílio de Nicéia (325 d.C.), veremos que seus escritos somam dez volumes (numa edição em inglês), sendo apenas uma

pequena porção dos escritos daquela época. O material ainda não traduzido constitui-se de pelo menos 218 volumes em Latim e 166 volumes em grego ainda não traduzidos. As obras que um teólogo chamado “Jeffrey estudou somam aproximadamente 7.000 páginas. Enquanto que isso parece muito, a parte não traduzida em Grego e Latim ocupa o “peso de mais de um milhão de páginas”.³

Por isso, não pretendo esgotar o assunto nem o debate. No entanto, ao ler todo o conteúdo que tive acesso (47 e-books), pretendo resumir e comentar trechos e contextos sobre ressurreição, Vinda de Cristo, Segunda Vinda, Inferno, Imortalidade da Alma entre outros temas relevantes. O foco principal será a Escatologia em geral, mas também abordarei questões relacionadas a doutrinas de forma abrangente.

Este material que disponibilizo é inédito no Brasil, pois é fruto de minha profunda pesquisa em Escatologia, com foco especial nas vertentes do Preterismo Parcial e do Pós-milenismo. O que o leitor tem em mãos não é apenas mais um comentário de um dispensacionalista ou pré-milenista, mas sim a perspectiva de alguém que defende o Preterismo Parcial e o Pós-milenismo. É claro que não deixei que minhas convicções influenciassem a análise; em vez disso, busquei examinar com cautela o que, de fato, os primeiros Pais da Igreja disseram.

Boa leitura!

César Francisco Raymundo
Editor da Revista Cristã Última Chamada
Dia 03 de Novembro de 2024

³ E-book: The Early Church and the End of the World, pg. 58. Autores: Gary DeMar & Francis X. Gumerlock. Copyright © 2006 - American Vision. Site: www.AmericanVision.org

Parte 1

Justino de Roma Vida e Obra

Justino, embora nascido na Samaria, não tinha origem judaica, como indicam os nomes de seu pai, Prisco, e de seu avô, Báquio. Em sua *1ª Apologia*, ele se descreve da seguinte forma: “Ao imperador... em prol dos homens de qualquer raça que são injustamente odiados e caluniados, eu, Justino, um deles, filho de Prisco, que o foi de Báquio, natural de Flávia Neápolis, na Síria Palestina, compus este discurso e esta petição”.

Flávia Neápolis, hoje conhecida como Naplusa, foi fundada em 72 d.C. por Vespasiano sobre a antiga Siquém, um local de significativa importância religiosa para judeus e cristãos, onde Deus se revelou a Abraão e Jesus conversou com a samaritana.

Justino não falava hebraico, não era circuncidado e não estava influenciado pelo ambiente samaritano. Seu nascimento é estimado por volta de 100 d.C., e sua conversão a Fé Cristã ocorreu cerca de 132 d.C. Essa transformação foi motivada pelo descontentamento com as filosofias que não atendiam suas buscas pela Verdade e pela admirável coragem dos cristãos diante da morte. Um encontro decisivo com um ancião à beira-mar o levou a reconhecer o Cristianismo como a “única filosofia certa”.

Em Roma, Justino fundou uma escola filosófica e produziu diversas obras. Sua vida terminou em 165 d.C., quando foi acusado por Crescente, um filósofo cínico, e condenado à decapitação. O *"Martirium S. Iustini et Sociorum"* relata que ele foi martirizado junto a seis discípulos.

As Obras de Justino

Justino é reconhecido como o principal apologista do século II, embora seu estilo de escrita não seja particularmente cativante e ele não se destaque como um pensador original ou profundo. No entanto, é um erudito comprometido, alinhado com as correntes filosóficas de sua época. Segundo Eusébio de Cesareia, Justino deixou um grande número de obras que demonstram sua inteligência e dedicação ao estudo das questões Divinas, sendo consideradas muito úteis.

Eusébio menciona algumas dessas obras, incluindo um discurso dirigido ao imperador Antonino Pio, uma segunda Apologia destinada a Antonino Vero, e um discurso aos gregos que aborda questões filosóficas e a natureza dos demônios. Justino também escreveu uma *"Refutação"*, *"Sobre a Monarquia de Deus"*, um *"Psaltês"*, e escólios sobre a alma, além do *"Diálogo contra os Judeus"*, onde relata sua busca pela Verdade e como encontrou a Fé Cristã.

Embora Eusébio cite várias obras de Justino, apenas as duas *"Apologias"* e o *"Diálogo com Trifão"* sobreviveram até os dias atuais. Justino também mencionou um trabalho *"Contra todas as Heresias"*, que pretendia entregar ao imperador, e uma obra *"Contra Marcião"*, que se perdeu.

Um especialista observa que a "boa vontade e transparência" da alma de Justino é imediatamente evidente nas primeiras linhas de sua *Apologia*. A dedicatória, com suas simples palavras "um deles", é notável na literatura cristã primitiva. O que atrai a atenção dos historiadores é a preocupação de Justino com a relação entre filosofia e fé, um tema que seria mais profundamente abordado pela escola de Alexandria. Justino soube integrar a filosofia e a fé em sua vida, harmonizando sua experiência moral e intelectual.

Data de Composição da Obra

1ª e 2ª Apologias

Diálogo com Trifão

A data de composição da obra pode ser inferida a partir de alguns dados internos. Primeiramente, a dedicatória é dirigida “Ao imperador Tito Élio Adriano Antonino Pio César Augusto, ao seu filho Veríssimo, filósofo, e a Lúcio, filho natural do César, filósofo e filho adotivo de Pio, amante do saber, ao sacro Senado e a todo o povo romano”. Esses imperadores governaram de 147 a 161, o que sugere que a *Apologia* foi escrita durante esse período de 15 anos.

Além disso, no capítulo 46, Justino menciona uma objeção à doutrina Cristã, afirmando que “Cristo nasceu somente há cento e cinquenta anos sob Quirino e ensinou sua doutrina mais tarde, no tempo de Pôncio Pilatos”. Embora o número seja arredondado, isso indica que a redação da 1ª *Apologia* não ocorreu antes dessa data.

Por fim, no capítulo 29, Justino relata o caso de um jovem cristão que pediu ao prefeito Félix de Alexandria para interceder junto ao governador por uma licença para se castrar. Os especialistas identificam esse prefeito como Minúcio Félix, que governou

Alexandria de 148 a 154. Portanto, a 1ª *Apologia* deve ter sido escrita por volta de 155 d.C.

Conteúdo da 1ª Apologia

A 1ª *Apologia* possui uma estrutura ternária. Os capítulos 1 a 3 servem como introdução, onde Justino se dirige ao imperador Antonino Pio e seus filhos, pedindo a defesa dos cristãos. Ele solicita que o imperador analise as acusações contra os cristãos de forma imparcial, sem se deixar influenciar pela opinião popular.

Nos capítulos 4 a 12, Justino critica a atitude do governo em relação aos cristãos, denunciando os procedimentos judiciais e as falsas acusações feitas a eles. Ele argumenta que a condenação pelo simples fato de ser cristão é absurda, já que o nome não deve ser considerado um crime. Justino defende que os cristãos são leais e cidadãos exemplares, exceto na questão do culto a ídolos. A verdadeira defesa da Fé é expor a Verdade, e Justino busca justificar a Religião Cristã, detalhando a doutrina, o batismo e a eucaristia, além de apresentar o conceito de Lógos, identificando Cristo como o Logos compartilhado por toda a humanidade.

A partir do capítulo 18, ele aborda a imortalidade da alma e a ressurreição, utilizando argumentos controversos. Nos capítulos 21 e 22, estabelece paralelos entre as doutrinas estoica e cristã, buscando uma conexão que, embora acessível, pode enfraquecer a originalidade da Fé Cristã. Nos capítulos 24 a 29, ele afirma que a verdadeira doutrina é a recebida de Cristo e dos profetas, insistindo que os filósofos derivaram suas verdades dessas fontes.

Nos capítulos 30 a 53, Justino argumenta que os demônios tentaram desviar a fé em Cristo, identificando o Salvador com a "alma do mundo" de Platão. Ele defende que os cristãos são

colaboradores fiéis do imperador, destacando que eles cumprem seus deveres de cidadania com fervor, o que deveria garantir sua aceitação e proteção.

Justino vê as perseguições como instigadas pelos demônios, um ponto fraco em sua argumentação, já que isso reflete a dependência de seu contexto histórico. Ele acredita que os demônios visam reduzir os homens a servos, instigando o paganismo e a heresia. A obra, embora buscasse defender os cristãos, acaba apresentando o Cristianismo como uma estrutura que mantém a ordem social, o que pode diluir sua força questionadora diante das injustiças.

Conteúdo da 2ª Apologia

A *Segunda Apologia* é um complemento da primeira, sem ser uma obra independente. Justino aborda a injustiça do julgamento contra cristãos, que são condenados sem provas concretas de crimes. Ele argumenta que a condenação é irracional e menciona os demônios como causas dos males.

A obra também discute a superioridade do Cristianismo sobre outras filosofias, destacando que os cristãos possuem a plenitude do Logos, que é Cristo. Justino acredita que a razão humana é uma participação do Logos Divino, e que a sabedoria dos filósofos antigos, embora valiosa, não se compara à Revelação Cristã. O foco central do texto é o Plano de Salvação de Deus, realizado por meio de Cristo, que é visto como a Lei eterna e a fonte do conhecimento completo.

Parte 2

Justino de Roma e a Segunda Vinda de Cristo

“Ao imperador Tito Élio Adriano Antonino Pio César Augusto, ao seu filho Veríssimo, filósofo, e a Lúcio, filho natural do César, filósofo e filho adotivo de Pio, amante do saber, ao sacro Senado e a todo o povo romano.

Em prol dos homens de qualquer raça que são injustamente odiados e caluniados, eu, Justino, um deles, filho de Prisco, que o foi de Báquio, natural de Flávia Neápolis na Síria Palestina, compus este discurso e esta súplica”.

- 1ª Apologia 1:1-2

Assim começa o livro *1ª Apologia* de Justino de Roma. No trecho acima, Justino se dirige ao imperador e a figuras importantes de Roma, apresentando-se como alguém que também é alvo de injustiças e calúnias. Ele expressa seu desejo de defender todos aqueles que são injustamente odiados, independentemente de sua origem. O discurso é uma súplica em favor dos oprimidos e uma declaração de sua identidade e missão como filósofo, enfatizando a importância do conhecimento e da justiça.

Justino continua afirmando que os verdadeiros piedosos e filósofos devem priorizar a busca pela Verdade, mesmo que isso signifique

rejeitar as opiniões dos antigos, se elas forem erradas. Ele enfatiza que a razão exige um compromisso com a justiça, que deve ser defendida a qualquer custo, mesmo diante da ameaça de morte. A mensagem central é a importância da integridade moral e da coragem na busca pela Verdade.

No começo desse texto de *1ª Apologia*, Justino exerce uma forma de cidadania ativa e crítica em relação ao imperador e ao sistema. Ele não se conforma com as injustiças que os cristãos enfrentam e faz um apelo direto à razão e à justiça, pedindo que as acusações contra os cristãos sejam examinadas de maneira justa, sem se deixar levar por preconceitos ou boatos.

Justino afirma que, enquanto não forem provados crimes, os cristãos não devem ser condenados, desafiando a legitimidade do sistema que os persegue. Ele argumenta que tanto governantes quanto governados devem agir com filosofia e justiça para garantir a felicidade da sociedade.

Ao afirmar que os governantes têm a responsabilidade de ouvir os súditos e julgar com justiça, Justino se posiciona como um defensor da verdade e da justiça, sem esperar por uma intervenção divina secreta, mas buscando um julgamento justo na terra. Ele enfatiza que, caso contrário, os governantes não terão desculpas diante de Deus, reforçando a ideia de que a responsabilidade moral recai sobre todos, especialmente sobre aqueles em posições de poder.

Assim, Justino não apenas defende sua fé, mas também a dignidade e os direitos humanos em um contexto de opressão, mostrando-se ativo e exigente em relação ao sistema.

Em seu *Diálogo com Trifão*, Justino aborda extensivamente a Segunda Vinda de Cristo. Ele argumenta, com base em profecias do Antigo Testamento, que a Vinda de Cristo ao mundo se dará em duas

etapas. A primeira vinda, já ocorrida, foi marcada pelo sofrimento, desonra e pela morte de Cristo na cruz:

“Porque os meus desejos não são como os vossos desejos, nem os meus caminhos como os vossos caminhos.

Porque assim como a neve ou a chuva cai do céu e não volta até que empape a terra e faça produzir e brotar, dando semente para aquele que semeia e pão para comer, assim será a palavra que sair da minha boca: não voltará sem que antes cumpra o que eu queira e faça prosperar meus mandamentos.

Porque saireis com alegria, e com júbilo sereis ensinados. Porque os montes e colinas saltarão ao receber-vos e todas as árvores do campo baterão palmas com suas folhagens, e em lugar do espinheiro crescerá o cipreste, em lugar da urtiga brotará o mirto. Isso trará renome ao Senhor e um sinal eterno, que nunca será extirpado” [Isaías 55:3-13].

Eu prossegui: — Trifão, essas palavras e outras semelhantes pronunciadas pelos profetas se referem em parte ao primeiro advento de Cristo, anunciando que ele apareceria sem glória nem beleza e sujeito à morte; e parte se refere à segunda vinda, quando ele se apresentará com glória acima das nuvens [Daniel 7:13; Mateus 24:30], e o vosso povo verá e reconhecerá aquele a quem transpassou, como disseram antes Oséias, um dos doze profetas, e Daniel” [Zacarias 12:10; João 19:37].

- 2ª Apologia 14:7-8

A respeito da segunda etapa da Vinda de Cristo ao mundo, Justino firmemente que defendia que o Senhor retornaria em glória para julgar o mundo e estabelecer Seu Reino eterno. Essa crença estava enraizada em sua interpretação das Escrituras Hebraicas, que ele via como prefigurações da vida e ministério de Jesus. O argumento de Justino é de que os profetas do Antigo Testamento anunciaram duas vindas de Cristo. Justino escreveu sobre as duas Vindas de Cristo nas seguintes palavras:

“Como demonstramos que tudo o que aconteceu até agora foi previamente anunciado pelos profetas, agora, como em tudo, é necessário também que creiamos no que foi igualmente profetizado, mas que ainda vai acontecer.

Com efeito, do mesmo modo que o acontecido, antecipadamente anunciado, por mais que não tivesse sido compreendido, aconteceu; assim também o que ainda falta para ser cumprido, acontecerá, por mais que não se compreenda nem se creia.

Assim é que os profetas anunciaram duas vindas de Cristo: uma, já cumprida, como homem desonrado e passível; a segunda, quando virá dos céus acompanhado de seu exército de anjos, quando ressuscitará também os corpos de todos os homens que existiram; revestirá de incorruptibilidade os que forem dignos, e enviará os iníquos, com percepção eterna, ao fogo eterno, junto com os perversos demônios.

Vamos mostrar como foi profetizado que isso deverá acontecer”.

- 2ª Apologia 52:1-4

No texto acima, Justino de Roma reflete em seus escritos o que a Igreja vem afirmando por dois mil anos de história, pois crê que na Segunda Vinda, Cristo ressuscitará os mortos, julgará os vivos e os mortos, e recompensará os justos com a vida eterna enquanto os ímpios serão condenados ao fogo eterno.

Figuras do Antigo Testamento são frequentemente usadas por Justino para ilustrar a Segunda Vinda de Cristo. A história de Jonas e a profecia sobre os dois bodes oferecidos no Dia da Expição:

“Apesar de todo o vosso povo conhecer a história de Jonas e de que Cristo, estando entre vós, gritou que vos daria o sinal de Jonas, exortando-vos para que, ao menos com sua ressurreição dos mortos, vos arrependêsseis de vossas más ações e, como os ninivitas, clamásseis com lágrimas a Deus, para que a vossa nação e cidade não fossem tomadas e destruídas, como de fato aconteceu, vós logo que soubestes que ele havia ressuscitado dos mortos não só não fizestes penitência, mas, como eu disse antes, escolhestes homens especializados e os enviastes por toda a terra para que

repetissem, como arautos, que uma seita sem Deus e sem lei se tinha levantado em nome de um Jesus da Galiléia, que fora impostor. Dizeis: “Nós o crucificamos, mas os discípulos dele, depois de roubá-lo do sepulcro em que fora colocado depois de ser despregado da cruz, agora enganam o povo maldizer a ele e a todos os que nele crêm”.

- 2ª Apologia 108:1-2

Justino utiliza a imagem dos dois bodes oferecidos no Dia da Expição para ilustrar as duas Vindas de Cristo. Ele argumenta que essa prática do Antigo Testamento prefigurava o que aconteceria com Jesus:

“De fato, o mistério do cordeiro que Deus mandou sacrificar como Páscoa era figura de Cristo, do seguinte modo.

Deus não vos permite sacrificar o cordeiro pascal a não ser no lugar em que seu nome é invocado. E isso ele sabia que iria acontecer um dia depois da paixão de Cristo, em que o mesmo lugar de Jerusalém seria entregue aos vossos inimigos e todas as oferendas terminariam por completo.

Por outro lado, o cordeiro que era mandado assar completamente era símbolo da paixão da cruz que Cristo devia sofrer. Com efeito, assa-se o cordeiro colocado em forma de cruz, pois uma ponta do espeto o atravessa dos pés à cabeça, e a outra atravessa-lhe as costas e nela se apoiam as partes dianteiras do cordeiro.

Também os dois bodes que se mandava sacrificar no jejum eram iguais; um deles era feito emissário e o outro se destinava ao sacrifícios. Anunciavam as duas vindas de Cristo: numa delas, os vossos anciãos do povo e sacerdotes o enviavam como emissário, lançando suas mãos sobre ele e matando-o; na outra, no mesmo lugar de Jerusalém, reconheceréis aquele que foi desonrado por vós e que era a vítima de todos os pecadores que queiram fazer penitência e jejuar, conforme aquele jejum a que se refere Isaías, rompendo os laços dos contratos violentos e observando tudo o que o profeta enumera e que nós citamos antes, e é justamente o que fazem aqueles que crêm em Jesus.

Vós sabeis que o sacrifício dos bodes que se mandava oferecer no dia do jejum também não era permitido fazer-se em nenhuma parte fora de Jerusalém”.

- 2ª Apologia 40:1-5

É importante notar que a interpretação de Justino se concentra na tipologia, ou seja, na identificação de elementos do Antigo Testamento que prefiguram eventos do Novo Testamento. Ele via nos dois bodes uma prefiguração simbólica da dupla Vinda de Cristo, um conceito central em sua teologia.

Justino também enfatiza que a Segunda Vinda de Cristo não deve ser vista como um evento passivo, onde os cristãos aguardam de forma inerte. Ao contrário, ele destaca a importância de um compromisso ativo dos fiéis para alcançar o Reino Eterno. Esse foco na ação é refletido em sua interpretação da frase "o Reino dos Céus sofre violência, e são os violentos que o arrebatam". Para Justino, a entrada no Reino de Deus não é automática, mas exige esforço e dedicação contínuos por parte dos crentes. Ele vincula essa necessidade de ação à própria natureza da vinda de Cristo, argumentando que Cristo retornará com poder e glória para julgar o mundo, recompensando os justos e punindo os ímpios. A vinda de Cristo, portanto, não é um evento distante ou desconectado da realidade presente, mas um convite à ação e à transformação:

“Ao terminar a minha citação, Trifão disse-me: — Amigo, todas as palavras da profecia que estás falando são ambíguas e não contêm nada de decisivo para a demonstração que procuras fazer. Eu lhe respondi: — Trifão, se em vosso povo não tivessem terminado as profecias, que não se verificaram mais depois de João Batista, talvez tivésseis razão em considerar como obscuras as coisas ditas.

É certo, porém, que João o precedeu, gritando aos homens que fizessem penitência, e o próprio Cristo, quando João ainda estava no rio Jordão, apresentou-se a ele para pôr fim à sua missão profética e ao seu batismo. E foi ele quem então começou a dar a

boa nova, dizendo: “O reino dos Céus está próximo”. Depois disse que ele devia sofrer muito por causa dos escribas e fariseus, ser crucificado, ressuscitar ao terceiro dia e voltar outra vez a Jerusalém, e então comer e beber novamente com os seus discípulos. Também predisse que, no intervalo de sua vinda, como já indiquei, em seu nome se levantariam seitas e falsos profetas. E é o que vemos acontecer. Visto que tudo isso é certo, como podeis ainda duvidar, quando é fácil vos convencer pelos próprios fatos?

No que diz respeito ao fato de que em vosso povo não haveria mais nenhum profeta e que a nova aliança que Deus anunciou deveria estabelecer, estava já determinado, por ser ele o Cristo. Assim disse: “A Lei e os profetas até João Batista; daí por diante o reino dos Céus sofre violência, e são os violentos que o arrebatam. Se quereis aceitar, este é Elias que devia vir. Quem tiver ouvidos para ouvir, ouça”.

- 2ª Apologia 51:1-3

Por fim, Justino reforça que a Segunda Vinda de Cristo estava em seu futuro:

“Escutai como foi profetizado que ele deveria subir ao céu.

Diz o seguinte: “Levantai as portas dos céus; abri-vos, portas, para que entre o rei da glória. Quem é esse rei da glória? O Senhor forte e o Senhor poderoso.

Que ele também há de vir dos céus com glória, escutai o que sobre isso foi dito pelo profeta Jeremias.

Ele diz assim: “Eis como um filho de homem vem sobre as nuvens do céu, e seus anjos com ele”.

- 2ª Apologia 51:6-9

O que pude compreender sobre o pensamento de Justino a respeito da Segunda Vinda de Cristo é que ele acreditava que este evento ainda estava no seu futuro, e que viria acompanhado do Juízo Final. Por isso, Justino enfatizava que os cristãos deveriam viver de maneira justa e piedosa. Embora a destruição de Jerusalém, ocorrida no ano 70 d.C., tenha acontecido várias décadas antes dos escritos de Justino,

ele em nenhum momento a associa à Segunda Vinda de Cristo. Diferentemente da heresia conhecida como Preterismo Completo,⁴ que ensina que a Segunda Vinda de Cristo, a ressurreição dos mortos e o Juízo Final aconteceram com a destruição de Jerusalém naquele ano, Justino acreditava que esses eventos estavam ainda por vir. Vale ressaltar que Justino escreveu de uma perspectiva de quem viveu próximo ao tempo dos apóstolos.

Ele admite que os sinais da Segunda Vinda de Cristo estavam acontecendo em seu tempo de vida, quando escreveu que Cristo “predisse que, no intervalo de sua vinda”, “em seu nome se levantariam seitas e falsos profetas. **E é o que vemos acontecer**” (o grifo é meu).

Justino reconheceu que, embora a primeira Vinda de Cristo tenha ocorrido, muitos não compreenderam plenamente a profecia dada no Antigo Testamento. Ele acrescenta, porém, que “o que ainda falta ser cumprido acontecerá, por mais que não se compreenda ou se creia”. Com isso, Justino abre espaço para a ideia de que nem todos os aspectos da Escatologia bíblica são facilmente compreendidos. Contudo, ele afirma que existem verdades sólidas e objetivas, mesmo que nem tudo seja plenamente compreendido. Então, embora possamos errar no ensino escatológico, devido à tradição que recebemos em nossas denominações religiosas, em um ponto todas as correntes escatológicas (com exceção do Preterismo Completo) estão certas, é que Jesus Cristo voltará Segunda vez: “assim também Cristo, tendo-se oferecido uma vez para sempre para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o aguardam para a salvação” (Hebreus 9:28).

⁴ Preterismo Completo. Consulte este termo no Glossário no final deste e-book.

A Ressurreição dos Mortos e o Juízo Final

A ressurreição dos mortos no último dia está intimamente associada à Segunda Vinda de Cristo, pois faz parte de um evento só. A grande parte das vezes que as Escrituras se referem à Segunda Vinda de Cristo sempre tem a ressurreição dos mortos associada (1ª Tessalonicenses 4:16-17; Filipenses 3:20-21; 1ª Coríntios 15:51-52; João 5:28-29). Seguindo esse raciocínio, Justino cita passagens que descrevem a paixão e glória de Cristo, incluindo Sua Ascensão ao Céu e retorno glorioso:

“Escutai agora as profecias relativas à paixão e desonras que, feito homem, ele sofreria por nós, **e a glória com que voltará.**

São estas: “Porque entregaram sua alma à morte e foi contado entre os iníquos, ele tomou os pecados de muitos e se reconciliará com os iníquos.

Eis que meu servo entenderá, será levantado e glorificado muito.

Do mesmo modo como muitos ficarão atônitos à tua vista — tão desonrada está a tua figura diante dos homens e tua glória tão longe dos homens — assim muitas nações ficarão maravilhadas e reis permanecerão silenciosos, porque aqueles para os quais não foi anunciado verão, e os que não ouviram, entenderão”.

- 2ª Apologia 50:1-4 – o grifo é meu.

Justino também argumenta que a crença na ressurreição não é absurda, recorrendo à analogia da formação de um ser humano a partir de uma simples gota de sêmen. Assim como ninguém duvidaria desse processo se o presenciasse, a incredulidade diante da ressurreição decorre da ausência de uma experiência direta com esse fenômeno.

Sobre isso, ele escreveu:

“Para quem reflete, o que pareceria mais incrível do que se, estando fora do nosso corpo, alguém dissesse que de uma pequena gota do sêmen humano seria possível nascer ossos, tendões e carnes com a forma em que os vemos, e víssemos isso em imagem?

Façamos uma suposição. Se não fôsseis o que sois e de quem sois e alguém vos mostrasse o sêmen humano e uma imagem pintada de um homem, afirmando que esta se forma daquele, por acaso acreditaríeis antes de vê-lo nascido? Ninguém se atreveria a contradizer isso.

Do mesmo modo, por nunca ter visto um morto ressuscitar, a incredulidade agora vos domina.

Da mesma forma, como no princípio não teríeis crido que de uma pequena gota nasceriam tais seres e, no entanto, os vêdes nascidos, assim também considerai que não é impossível que os corpos humanos, depois de dissolvidos e espalhados como sementes na terra, ressuscitem a seu tempo, por ordem de Deus e se revistam da incorruptibilidade.

Na verdade, não saberíamos dizer de qual potência digna de Deus falam aqueles que afirmam que tudo voltará ao lugar de onde procede e que, fora disso, ninguém pode nada, nem mesmo Deus. Nós, porém, vemos bem isto: esses mesmos não teriam acreditado ser possível ter nascido tais e quais eles e o mundo todo se vêem ter nascido.

Além disso, aprendemos que é melhor crer naquilo que está acima da nossa própria natureza e que é impossível aos homens, do que ser incrédulos como o vulgo. Sabemos que Jesus Cristo, nosso Mestre, disse: “O que é impossível para os homens, é possível para Deus”.

- 1ª Apologia 19:1-6

Em resumo, a ressurreição dos mortos é um tema central na teologia de Justino de Roma. Ele a defende por meio de argumentos racionais, analogias, profecias do Antigo Testamento e pela experiência dos cristãos com o poder de Cristo. Justino vê a ressurreição como um sinal da superioridade da Fé Cristã em relação às crenças pagãs e como a promessa de vida eterna para os justos. Seus ensinamentos sobre a ressurreição e a Segunda Vinda de Cristo

deixam claro que ele acredita que esses eventos ainda estão por vir. Assim, Justino não adota a visão do Preterismo Completo,⁵ demonstrando uma expectativa futura desses acontecimentos. Neste ponto ele era um Futurista.⁶

A Destruição de Jerusalém

Embora Justino acreditasse na Segunda Vinda de Cristo e na ressurreição dos mortos como eventos futuros — adotando, portanto, uma perspectiva futurista⁷ nesse aspecto —, ele também era um preterista parcial,⁸ pois via nas profecias de Jesus uma referência ao fim de Israel, que ele acreditava que havia se cumprido ainda durante o período da Igreja primitiva.

As fontes fornecidas por ele contêm várias referências às profecias sobre os judeus e a destruição de Jerusalém. Justino, sendo um apologista cristão, usava essas profecias para argumentar a favor da veracidade do Cristianismo e da Messianidade de Jesus. Ele cita profecias do Antigo Testamento que predizem a rejeição dos judeus e a eleição dos gentios, destacando passagens que descrevem a dispersão dos judeus e a desolação de sua terra, argumentando que esses eventos se cumpriram após a primeira Vinda de Cristo. Justino também destaca a proibição de Deus aos judeus de habitarem em Jerusalém após sua destruição, como predito por Isaías:

“Escutai o que foi predito pelo Espírito profético sobre a devastação futura da terra dos judeus. As palavras foram ditas como que na pessoa daqueles que se maravalham com o acontecido.

⁵ Preterismo Completo. Ver esta palavra no Glossário no final deste e-book.

⁶ Futurismo. Idem nº 5.

⁷ Idem nº 6.

⁸ Preterismo Parcial. Ver esta palavra no Glossário no final deste e-book.

São as seguintes: “Sião ficou deserta, Jerusalém ficou solitária, e a casa, nosso santuário, foi profanada; a glória que nossos pais bendisseram tornou-se presa do fogo e todas as suas maravilhas se fundiram.

A esse respeito, tu suportaste, te calaste e nos humilhaste muito”. Que Jerusalém tenha ficado deserta, tal como fora predito, é coisa de que estais bem convencidos.

E não só se predisse a sua devastação, mas também, pelo profeta Isaías, que a nenhum deles seria permitido habitar nela, com estas palavras: “A terra deles está deserta, e os próprios inimigos a devoram diante deles; e deles não haverá ninguém que nela se encontrasse e decretastes pena de morte contra o judeu que nela habite”. Que vós mesmos montastes guarda para que ninguém nela fosse encontrado, é coisa que sabeis perfeitamente”.

- 1ª Apologia 47:1-4

É importante compreender que a visão de Justino sobre Jerusalém reflete o contexto histórico e teológico de sua época. A destruição da cidade pelos romanos, um evento recente e profundamente traumático para os judeus, teve grande impacto em sua reflexão. Como apologista cristão, Justino usou esse acontecimento para destacar a superioridade do Cristianismo.

Sua interpretação pode ser vista como uma expressão de “vinda em juízo” contra Jerusalém, no sentido teológico de que a cidade sofreu as consequências por rejeitar Cristo. No entanto, Justino também sublinha a misericórdia e o perdão divinos, sugerindo que ainda há uma possibilidade de redenção para os judeus que se arrependerem.

Embora Justino mencione de forma breve o castigo dos judeus pela destruição de Jerusalém no ano 70 d.C., é evidente desde cedo que ele incorpora uma certa “dose” de Preterismo Parcial no cumprimento das profecias de Jesus em Mateus 24, Marcos 13 e Lucas 21. Essa tendência também pode ser observada em diversos outros Pais da Igreja cristã. Temos, assim, uma grande prova de que a interpretação preterista da profecia bíblica estava presente desde os primeiros

tempos da Igreja, e não surgiu como uma opção tardia proposta por teólogos liberais.

O Reino Milenar de Cristo

A expressão “mil anos” adquire um significado particular na obra de Justino de Roma, referindo-se à ideia de um Reino Milenar de Cristo na Terra. Esse período de mil anos, situado entre a Segunda Vinda de Cristo e o estabelecimento do Reino Eterno no Céu, é retratado por Justino como uma era de paz, justiça e prosperidade para os cristãos. Neste ponto, Justino não se comporta como um pós-milenista⁹ moderno, pois estabelece a era de paz, justiça e prosperidade depois da Segunda Vinda de Cristo até o desfecho final do mundo. Ele não está errado em dizer que o Reino Milenar de Cristo será na Terra, mas para os pós-milenistas esses “mil anos” são simbólicos, referindo-se ao tempo desde a primeira Vinda de Cristo até a Segunda Vinda.

Justino fundamenta sua crença no Reino Milenar em várias passagens bíblicas. Ele recorre ao profeta Isaías, que descreve um tempo de paz e harmonia, onde “o lobo e o cordeiro pastarão juntos” (Isaías 65:25) e “os dias do meu povo serão como os dias da árvore da vida” (Isaías 65:22). Para Justino, a menção à “árvore da vida” e à longevidade do povo sugere um período de bênçãos divinas especiais na Terra, o qual ele associa diretamente ao Reino Milenar.

Além de Isaías, Justino também se apoia no Apocalipse de João, que profetiza que os fiéis a Cristo “reinarão com ele por mil anos” (Apocalipse 20:4) em Jerusalém. A referência explícita aos “mil anos” no Apocalipse reforça a convicção de Justino de que esse período é uma fase essencial no plano divino de salvação. A importância do

⁹ Pós-milenismo. Ver esta palavra no Glossário no final deste e-book.

Reino Milenar para Justino possui diversas implicações teológicas. A primeira delas é que é uma recompensa para os cristãos que sofreram perseguição e mantiveram sua fidelidade a Cristo, oferecendo-lhes a oportunidade de experimentar a glória de Deus na Terra antes da entrada no Reino Eterno.

Justino escreveu:

“Diante disso, Trifão me respondeu: — Amigo, já te disse que tu te esforças em tudo para te agarrares às Escrituras. Dize-me, porém: vós realmente confessais que a cidade de Jerusalém será reconstruída e esperais que aí vosso povo irá reunir-se e alegrar-se com Cristo, com os patriarcas, os profetas e os santos de nossa descendência, e até com os prosélitos que viveram antes da vinda de vosso Cristo? Ou chegaste a essa conclusão somente para dar a impressão de que ganhavas de nós a todo custo na discussão?

Eu lhe retruquei: — Trifão, não sou tão baixo para dizer alguma coisa diferente do que sinto. Antes já lhe confessei que eu e muitos outros sentimos dessa forma, de modo que sabemos absolutamente que assim acontecerá. Todavia, também te mostrei que há muitos cristãos, de mentalidade pura e piedosa, que não admitem essas idéias.

[...]

De minha parte, eu e alguns outros cristãos de mentalidade correta não só admitimos a futura ressurreição da carne, mas também mil anos em Jerusalém reconstruída, embelezada e aumentada, como o prometem Ezequiel, Isaías e os outros profetas”.

- 2ª Apologia 80:1-2,5

Neste ponto, ficou claro que a posição de Justino era a de um pré-milenista,¹⁰ por crer de forma literal que o Reino de Cristo será estabelecido fisicamente na Terra, antes do fim definitivo do mundo.

¹⁰ Pré-milenismo. Ver o significado desta palavra no Glossário no final deste e-book.

Especificamente, no contexto dos “mil anos” mencionados em Apocalipse 20, Justino dá a entender que, após a Segunda Vinda, haverá um período de mil anos durante o qual Cristo governará fisicamente em Jerusalém.

Para Justino, os “mil anos” seria um “Prelúdio para o Reino Eterno”, pois entendia o Reino Milenar como uma etapa preparatória para o Reino Eterno no Céu, um período de transição onde a justiça e a santidade se estabeleceriam na Terra antes da instauração do Reino definitivo de Deus.

Assim eles se expressa:

“Com efeito, Isaías diz a respeito desse tempo de mil anos: “Haverá céu novo e terra nova e não se recordarão dos passados, nem lhes virão à lembrança, mas encontrarão na terra alegria e regozijo que eu crio. Porque eis que eu trago a Jerusalém regozijo e a meu povo alegria, e me regozijarei em Jerusalém e me alegrarei com o meu povo. Nela não mais se ouvirá voz de pranto, nem voz de grito: Aí não nascerá mais um prematuro que vive dias, nem velho que não preencha seu tempo, porque o jovem será filho de cem anos e o pecador, quando morrer, será filho de cem anos, e será amaldiçoado.

Construirão casas, e as habitarão; plantarão vinhas e comerão seus produtos; não construirão e outros habitarão; nem plantarão e outros comerão. Porque os dias do meu povo serão conforme os dias da árvore da vida: as obras de seus trabalhos envelhecerão. Os meus escolhidos não trabalharão em vão, nem gerarão filhos para a maldição, porque são descendência justa e abençoada pelo Senhor, e seus netos estão com eles. Acontecerá que, antes de gritarem, eu já os terei ouvido; enquanto ainda estiverem falando, eu direi: ‘O que foi?’ Então o lobo e o cordeiro pastarão juntos; o leão comerá capim como o boi, e a serpente comerá terra como pão. Não danificarão, nem destruirão nada no monte santo, diz o Senhor”.

O que se diz nestas palavras: “Porque os dias do meu povo serão conforme os dias da árvore da vida: as obras de seus trabalhos envelhecerão”? Compreendemos que significa misteriosamente os mil anos. Com efeito, como foi dito a Adão que ele morreria no dia em que comesse da árvore da vida, sabemos que os mil anos não se realizaram. Compreendemos também que vem ao encontro de nosso propósito a expressão: “Um dia do Senhor é como mil anos”.

Além disso, houve entre nós um homem chamado João, um dos apóstolos de Cristo, que, numa revelação que lhe foi feita, profetizou que os que tiverem acreditado em nosso Cristo passarão mil anos em Jerusalém e que, depois disso, viria a ressurreição universal e, dizendo brevemente, a ressurreição eterna e o julgamento de todos juntos. A mesma coisa foi dita por nosso Senhor: “Não se casarão, nem serão dadas em matrimônio, mas serão como os anjos, pois são filhos do Deus da ressurreição”.

- 2ª Apologia 81:1-4

Ao transparecer que no Reino Milenar a adesão de pessoas de todas as nações à Fé Cristã é um cumprimento das profecias do Antigo Testamento e um indicativo de que Deus está preparando o mundo para a Vinda de Cristo e o estabelecimento de seu Reino definitivo, Justino fala algo parecido com o que é ensinado no sistema pós-milenista, mas, infelizmente, ele cria que isso se daria somente nos “mil anos” depois da Segunda Vinda de Cristo.

É fundamental observar que a crença no Reino Milenar não era unânime entre os cristãos do século II, e nem todos os Pais da Igreja compartilhavam a mesma visão de Justino. Alguns cristãos entendiam o Reino de Deus como uma realidade essencialmente espiritual, já presente na vida dos fiéis. A interpretação do Apocalipse e das profecias relacionadas ao Reino Milenar gerou diversas correntes de pensamento dentro do Cristianismo, e esse debate teológico permanece atual, continuando a ser discutido até os dias de hoje.

Minha Conclusão

Justino de Roma: Preterista, Pré-milenista ou Pós-milenista? Desvendando sua Visão Escatológica

Como ficou claro desde a Introdução deste e-book, o motivo pelo qual decidi escrever esta *Coleção Patrística e Fim dos Tempos* foi o desejo de ler diretamente os escritos dos Padres da Igreja, a fim de formar minhas próprias conclusões, sem me basear apenas nas visões do Preterismo Parcial e Pós-milenismo, que são as que defendo. Minha intenção é compreender o que, de fato, os Pais da Igreja defenderam em relação à Escatologia bíblica.

Através da minha análise detalhada do texto de Justino, pude chegar às seguintes conclusões sobre sua visão escatológica:

1. Justino aguardava a Segunda Vinda de Cristo como um evento futuro, o que indica que ele tinha uma perspectiva de Futurismo.
2. Ele acreditava que algumas das profecias de Cristo estavam sendo cumpridas em seu próprio tempo.

3. A destruição de Jerusalém no ano 70 d.C. (ocorrendo algumas décadas antes de Justino) foi vista por ele como o cumprimento das profecias de Cristo e do Antigo Testamento sobre os judeus rebeldes. Portanto, Justino pode ser considerado, em certa medida, um preterista parcial.
4. No entanto, Justino não pode ser classificado como um preterista completo.
5. Sua visão sobre o Reino Milenar de Cristo é claramente pré-milenista, o que significa que ele não compartilhava a perspectiva pós-milenista e amilenista.¹¹
6. Não é possível, a partir de seus escritos, formar uma visão completa e definitiva sobre o pensamento escatológico de Justino.

É importante lembrar que, na Antiguidade, os cristãos não se rotulavam como pré-milenistas, preteristas, pós-milenistas, entre outros termos modernos. Essas categorias são mais recentes e não se aplicam diretamente aos primeiros teólogos.

Em resumo, em relação às classificações escatológicas, prefiro entender que Justino, assim como outros Pais da Igreja, possuía uma visão parcial ou incompleta. Por exemplo, Justino provavelmente não compartilhava de uma visão pré-milenista tão definida como a dos pré-milenistas modernos.

Este tópico não se esgota aqui, e o próximo volume da *Coleção Patrística e Fim dos Tempos* será dedicado à escatologia de Irineu de Lião.

¹¹ Amilenismo. Ver Glossário no final deste e-book.

Glossário

Amilenismo: Visão escatológica que nega a existência de um Reino Milenar literal na Terra. Para os amilenistas, o "Reino de Deus" é entendido de forma simbólica e espiritual, representando o reinado de Cristo no coração dos crentes, desde Sua ascensão até Sua Segunda Vinda. O período mencionado em Apocalipse 20 (mil anos) é visto como uma era simbólica que abrange a presente dispensação, entre a primeira e a segunda vinda de Cristo, e não como um reinado físico e literal.

Escatologia: Estudo das últimas coisas, ou seja, das doutrinas e eventos que envolvem o fim do mundo, o juízo final, a Segunda Vinda de Cristo, a ressurreição dos mortos e o destino eterno da humanidade, conforme descrito nas Escrituras.

Dispensacionalismo: Teoria escatológica que defende a ideia de que a história humana está dividida em diferentes dispensações (períodos ou administrações) nas quais Deus lida com a humanidade de maneiras distintas. O dispensacionalismo enfatiza a distinção entre a Igreja e Israel, e propõe um futuro arrebatamento secreto da Igreja antes de um período de tribulação e do retorno visível de Cristo.

Futurismo: Interpretação escatológica que vê as profecias bíblicas em torno da Segunda Vinda de Cristo e o livro de Apocalipse como eventos

futuros, ainda por acontecer. Os futuristas acreditam que muitas das profecias ainda estão por se cumprir, incluindo o Reino Milenar de Cristo e a batalha final contra o mal.

Pós-milenismo: Visão escatológica que ensina que Cristo retornará após um período de mil anos (não literal para alguns pós-milenistas), durante os quais o Reino de Deus será estabelecido na Terra, trazendo paz, justiça e prosperidade. Para os pós-milenistas, esse período será uma era de evangelização e reforma global antes do fim do mundo e do estabelecimento do Reino Eterno.

Preterismo Completo: Corrente escatológica que interpreta todas as profecias bíblicas, especialmente aquelas sobre o fim do mundo e a Segunda Vinda de Cristo, como eventos que já ocorreram no passado, geralmente no primeiro século, com o cumprimento principal em eventos como a destruição de Jerusalém no ano 70 d.C. O preterismo completo nega a expectativa de um futuro cumprimento literal dessas profecias.

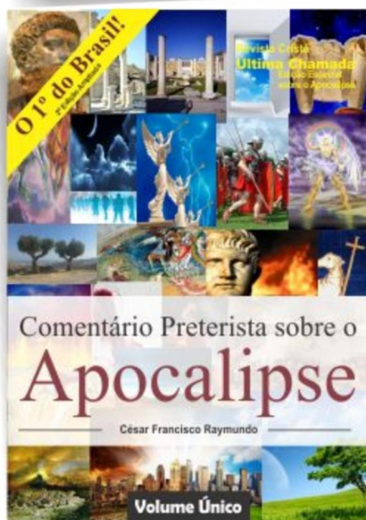
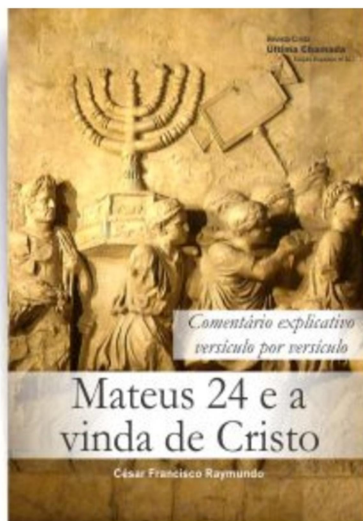
Preterismo Parcial: Visão escatológica que acredita que algumas profecias bíblicas, especialmente aquelas relacionadas à destruição de Jerusalém no ano 70 d.C., já se cumpriram no passado. No entanto, o preterismo parcial ainda espera a realização futura de algumas profecias, como a Segunda Vinda de Cristo e o juízo final.

Pré-milenismo: Corrente escatológica que ensina que Cristo retornará antes do período de mil anos, e haverá um reinado literal na Terra, durante o qual Ele governará em paz e justiça. Esse período será seguido pelo Juízo Final e o estabelecimento do Reino Eterno. O Pré-milenismo pode ser subdividido em diferentes escolas, incluindo o Dispensacionalismo.

Obras importantes para pesquisa

Faça download de nossos outros títulos em

www.revistacrista.org



Revista Cristã
Última Chamada

O livro mais
Amargo
da Bíblia dá suporte a



Esperança Pós-milenista?

César Francisco Raymundo

KENNETH L. GENTRY JR.

PÓS-MILENARISMO PARA LEIGOS

VOCÊ PODE ENTENDER
A PROFECIA BÍBLICA



Refutando o Amilenismo Dispensacionalismo Pré-milenismo Clássico

Jay Rogers

César Francisco Raymundo

revista cristã
última chamada

E se Deus não tivesse nascido de mulher?